

O recuo do dativo alemão em *-e*: uma perspectiva diacrônica¹

Rogério Ferreira da Nóbrega

O discurso oitocentista e do início do século XX sobre as mudanças na flexão das línguas era carregado de termos como erosão, redução, simplificação, empobrecimento, ausência da morfologia de flexão, entre outros termos que remetem a certa escassez. Assim, alguns estudos linguísticos, apesar de sua significativa independência em relação a outras ciências, como à teoria darwinista, comparavam as línguas a organismos naturais, como as células, passíveis de desenvolvimento. Convencionou-se que o grau de complexidade na morfologia de flexão das línguas era um indicativo de desenvolvimento de seus falantes. Assim, haveria uma hierarquia entre as línguas, de forma que as línguas indo-germânicas, por exemplo, seriam superiores ao chinês, que não possui tal morfologia de flexão. As línguas, e com isso seus falantes, seriam desenvolvidos, primitivos ou decadentes. O povo chinês seria, pois, primitivo, os povos indo-germânicos desenvolvidos e os falantes de línguas que perderam a expressão puramente flexional das relações gramaticais seriam decadentes. O desenvolvimento e a cultura milenar seriam explicados pelo fato de que o povo chinês se desenvolveu de forma precoce em relação à língua, que não teria acompanhado o desenvolvimento de seus falantes. Para ampla discussão destas questões, cf. Sousa (2010).

Estas ideias correspondem a um discurso de perda, e, com ele, seus sinônimos, como “ausência”. Analisar de um ponto de vista meramente dicotômico os fenômenos como a realização fonológica ou escrita de um morfema flexional *vs.* ausência do mesmo, ou morfema \emptyset , como no caso do plural do português popular brasileiro, significa ignorar um possível contrabalanceamento, uma “compensação” das formas perdidas que possa haver. Em suma, pode haver reestruturações necessárias, e há numerosos exemplos nas línguas que sugerem isso, alguns dos quais serão aqui apresentados.

¹ Este trabalho é parte de minha pesquisa de mestrado em andamento sob orientação do Prof. Dr. Paulo Chagas de Souza, do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo. Foi elaborado e adaptado especialmente para os seminários do Grupo de Morfologia Histórica do Português (GMHP) da Universidade de São Paulo.

GMHP Grupo de Morfologia Histórica do Português

A periodização da língua alemã constitui em si um primeiro problema. Em virtude dos diversos critérios que possam ser adotados, como fatores internos e/ou externos à língua, não há consenso quanto à divisão em diferentes épocas. Para facilidade de explanação, adotemos o modelo proposto em Hennings (2012). Para uma ampla discussão do tema, cf. Roelcke (1998: 1000-1013).

Velho-alto-alemão (*Althochdeutsch*): ca. 750 – 1050

Médio-alto-alemão (*Mittelhochdeutsch*): ca. 1050 – 1350

Inícios do Novo-alto-alemão (*Frühneuhochdeutsch*) ca. 1350 – 1650

Novo-alto-alemão (*Neuhochdeutsch*) ca. 1650 em diante

- O alemão é língua falada na Alemanha, bem como na Áustria e Lichtenstein e, em menor escala na Suíça e como língua de emigrantes que formaram colônia em diversos países, sobretudo nos da América do Sul e do Norte. Há, decerto, diferenças características entre os padrões aceitos por esses países, no entanto, a realidade da língua alemã não é a mesma do inglês.

- O termo *Hochdeutsch* (alto-alemão) surgiu a princípio para salientar sua diferença em relação ao *Niederdeutsch* (baixo-alemão), mas a elevação do *Hochdeutsch* ao status de língua padrão terminou por reforçar tal interpretação pelo sentido de qualidade ocasionado pelo termo *hoch* (alto). O alemão padrão da Alemanha goza de um prestígio mesmo nos demais países de fala alemã, seja por razões econômicas ou sociais, razão pela qual é a este alemão a que nos referiremos quando o termo for aqui empregado, haja vista que se faz necessária certa idealização do objeto de estudo, seja no alemão ou demais línguas (Fox, 2005 e McMahon, 1994)

A erosão fonológica é uma clássica explicação para a perda de caso morfológico. Vejamos alguns casos em que tal fato poderia ter contribuído para tanto.

-O indo-germânico possuía um acento livre, ou seja, a tônica podia recair tanto numa sílaba de flexão quanto na anterior. Na passagem ao estágio germânico, houve uma mudança do acento, motivando o acento inicial (*Initialakzent*), comumente considerado na literatura como fator determinante para o enfraquecimento das vogais átonas, como discutido por Hennings (2012) e Meisen (1961), e possivelmente motivado por razões semânticas, segundo Polenz (1970). O radical é, na maioria das vezes, a parte mais significativa da palavra, o que fica mais evidente em palavras compostas, como em *ü'bersetzen* (transportar ao outro lado) e *über'setzen* (traduzir).

GMHP Grupo de Morfologia Histórica do Português

-A concentração da energia no acento no germânico teve como consequência o paulatino enfraquecimento das sílabas átonas (*Nebensilbenabschwächung*), termo para o fenômeno usado na periodização da língua alemã. O enfraquecimento pode ser observado no exemplo de Polenz (1970) para o acusativo plural de *Tage* (dias)²:

Tabela 1. Evolução do acusativo plural de Tag (dia)

| | | | |
|--------------|--------|-------------------|------------------------------------|
| Indo-europeu | gótico | velho-alto-alemão | médio-alto-alemão/novo-alto-alemão |
| *dhogons | dagans | taga | Tage |

A redução de categorias flexivas não só nominais, como também verbais, teriam sido compensadas por demais meios, como, entre outros, verbos auxiliares, pronomes pessoais e artigos definidos, este último mais bem detalhado abaixo.

A descrição dada até aqui, pauta-se na visão de que o enfraquecimento das sílabas átonas é um dos principais fatores responsáveis pela redução de categorias flexivas. Em outras palavras, a erosão fonológica provocou indistinção de muitas flexões entre si, que, então, já não podiam mais por si sós expressar o caso no substantivo.

Por meio da mudança fonológica, que tende a ser redutiva, especialmente nas sílabas átonas, perdem-se as distinções de caso. Blake (1994), por exemplo, argumenta que esse foi o fator determinante para a perda de caso tanto do inglês quanto das línguas românicas. No inglês, a redução das vogais átonas a schwa e a perda do *-n* teria levado à desintegração do sistema de casos do inglês. No latim, o acúmulo de uma série de reduções e perdas vocálicas, bem como da consoante *-m*, significavam que havia uma forma comum para vários casos, como acusativo, dativo e ablativo da segunda declinação do singular. Comparem-se os paradigmas de outrora nas tabelas 1 e 2 (6.2 e 6.3 no original):

² O sinal * é empregado aqui indicando que a forma é reconstruída.

GMHP Grupo de Morfologia Histórica do Português

Tabela 2. Declinações de substantivos no Romance

| | 1 'moon' | 2 'year' | 3 'dog' |
|-----------------|--------------|--------------|--------------|
| Western Romance | | | |
| sg nom | <i>luna</i> | <i>annos</i> | <i>canes</i> |
| obl | <i>luna</i> | <i>anno</i> | <i>cane</i> |
| pl nom | <i>lunas</i> | <i>anno</i> | <i>canes</i> |
| obl | <i>lunas</i> | <i>annos</i> | <i>canes</i> |
| Italy | | | |
| sg nom | <i>luna</i> | <i>anno</i> | <i>cane</i> |
| obl | <i>luna</i> | <i>anno</i> | <i>cane</i> |
| pl nom | <i>lune</i> | <i>anni</i> | <i>cani</i> |
| obl | <i>lune</i> | <i>anno</i> | <i>cani</i> |

Tabela 3. Flexão de caso no Inglês Antigo

| | 'stone' | | 'ship' | |
|----------|--------------|---------------|--------------|---------------|
| singular | | | | |
| nom | <i>se</i> | <i>stān</i> | <i>thæt</i> | <i>scip</i> |
| acc | <i>thone</i> | <i>stān</i> | <i>thæt</i> | <i>scip</i> |
| gen | <i>thæs</i> | <i>stānes</i> | <i>thæs</i> | <i>scipes</i> |
| dat | <i>thēm</i> | <i>stāne</i> | <i>thēm</i> | <i>scipe</i> |
| plural | | | | |
| nom | <i>thā</i> | <i>stānas</i> | <i>thā</i> | <i>scipu</i> |
| acc | <i>thā</i> | <i>stānas</i> | <i>thā</i> | <i>scipu</i> |
| gen | <i>thāra</i> | <i>stāna</i> | <i>thāra</i> | <i>scipa</i> |
| dat | <i>thēm</i> | <i>stānum</i> | <i>thēm</i> | <i>scipum</i> |
| | 'tale' | | 'name' | |
| singular | | | | |
| nom | <i>sēo</i> | <i>talu</i> | <i>se</i> | <i>nama</i> |
| acc | <i>thā</i> | <i>tale</i> | <i>thone</i> | <i>naman</i> |
| gen | <i>thære</i> | <i>tale</i> | <i>thæs</i> | <i>naman</i> |
| dat | <i>thære</i> | <i>tale</i> | <i>thēm</i> | <i>naman</i> |
| plural | | | | |
| nom | <i>thā</i> | <i>tala</i> | <i>thā</i> | <i>naman</i> |
| acc | <i>thā</i> | <i>tala</i> | <i>thā</i> | <i>naman</i> |
| gen | <i>thāra</i> | <i>tala</i> | <i>thāra</i> | <i>namena</i> |
| dat | <i>thēm</i> | <i>talum</i> | <i>thēm</i> | <i>namum</i> |

GMHP Grupo de Morfologia Histórica do Português

-Conseqüências: uma série de outras mudanças nas duas línguas, como o aumento do uso das preposições, fixação da ordem SVO e as distinções se preservaram apenas nos pronomes.

Os fenômenos mencionados como consequência da erosão fonológica ocorreram no alemão e podem ser constatados na língua em seu estágio atual, com exceção feita à ordem das palavras, que se mantém SOV³.

As hipóteses até aqui mencionadas já haviam sido levantadas por Sapir (1972, apud Vennemann, 1975), que citou “três derivas de maior importância”, as quais se referiam à perda de morfologia de caso e estabilização da ordem das palavras. Estas duas derivas seriam manifestações de outra deriva, ou seja, a deriva fonética com origem na mudança de acento na sílaba inicial do germânico e o consequente enfraquecimento das sílabas finais.

-Sapir sugere não somente que a perda de caso tem como consequência a estabilização da ordem das palavras, mas também uma relação causal na direção oposta, ou seja, a fixação da ordem contribuiu com o enfraquecimento do sistema de caso. Disto se deduz que, quanto mais rígida a ordem das palavras, menor a morfologia de caso da língua. Isto se verifica em uma comparação entre o inglês e o alemão modernos, entretanto não, por exemplo, em uma comparação entre o islandês, que possui um rico sistema de casos e uma ordem mais rígida (SVO) que o holandês, língua SOV que perdeu completamente o sistema de casos.

Gramaticalização do artigo

-O artigo no alemão surge como reanálise do pronome demonstrativo no período que marca a passagem do velho-alto-alemão ao médio-alto-alemão. O pronome demonstrativo era utilizado em um contexto mais restrito de uso anafórico com referência familiar pelo contexto, portanto, em (1), com dados reproduzidos de Philippi (1997), temos:

- (1) (in anabeginne was *uuort*) inti *thaz uuort* uuas mit gote (velho-alto-alemão)
(no começo havia a palavra) e a palavra estava com deus

³ Seguimos aqui a classificação do alemão como língua do tipo SOV, embora não seja uma língua estritamente de tal natureza, senão o contrário, haja vista que todas as seis combinações são possíveis na tipologia alemã, ou seja, SVO, OVS, VSO, VOS, OSV, além da já mencionada ordem SOV. Para maiores detalhes, cf. Roelcke (1998: 798-815) e Haider e Hopper e Traugott (2008).

GMHP Grupo de Morfologia Histórica do Português

-Também pode ser atestado como demonstrativo por meio das traduções da bíblia em que o original latino correspondia a um demonstrativo e assim é traduzido no velho-alto-alemão, cujas versões claramente espelham as funções sintáticas dos dados vertidos, como se vê em (2)⁴:
ille latino:

- (2) *in then tagon* < *in diebus illis* 'nestes dias'
in thaz hus < *in domum illam* 'naquela casa'
in thero ziti < *in illa hora* 'naquela hora'

hic latino:

- umbi then samon* < *de hoc semine* 'daquela família'
after then tagon < *post hos dies* 'depois daqueles dias'

Foi também proposto que a perda de caso morfológico está relacionada ao surgimento do artigo definido nas línguas escandinavas, como por Holmberg (1994, apud Barðdal, 2009), mas também se sugere que no latim, finlandês e antigas línguas germânicas a forte morfologia de caso está vinculada à ausência de determinante (Boucher, 2003:). Para discussão da literatura, cf Yeghiazaryan (2010).

Linha de raciocínio: Línguas sem artigo possuem morfologia de caso rica, enquanto línguas que têm uma morfologia de caso pobre possuem um determinante lexical. É considerado provável, portanto, que o artigo deva se desenvolver para identificar a informação de caso não mais realizada no substantivo. Alguns problemas mencionados quanto a esta proposta, conforme Philippi (1997), são que: (1) o artigo não é necessariamente supérfluo numa língua que também possui caso morfológico, como o grego antigo, que possui ambos; (2) o fato de uma língua não possuir o artigo definido não significa que possua rica morfologia de caso, como o chinês, que não possui artigos, nem morfologia de caso; (3) a introdução do artigo por si só não ajuda a explicar relações gramaticais, uma vez que o processo de deflexão que atinge o substantivo também ocorre no determinante, o que corresponde ao caso de muitas línguas românicas e germânicas; e (4) preposições poderem assumir a função de marcadores de caso, a princípio, sem a necessidade do artigo.

⁴ O sinal '<' utilizado aqui se encontra tal qual está no original e significa que os dados à esquerda são as traduções que tiveram como fonte os dados à direita. Tais tipos de notação, entretanto, merecem uma discussão à parte, conforme observado por Mario Eduardo Viaro, coordenador do GMHP, quando desta apresentação, em virtude de uma falta de unificação das mesmas.

GMHP Grupo de Morfologia Histórica do Português

A abordagem baseada no uso de Barðdal (2009), da perspectiva da gramática de construção, demonstra que a perda ou manutenção do caso morfológico nas línguas germânicas não se deve às razões acima expostas ou a outras, como mudança de língua de tipo sintético para analítico e mudança de caso lexical para estrutural. Construções de tipo de frequência alta atraem verbos de tipo de frequência baixa, que tendem a diminuir mais a frequência e cair em desuso, como, por exemplo, a construção sujeito-obliquo (sujeito sintático não-nominativo), na história do sueco e do inglês.

- (3) Än sidhan honom iäfwadhe tok han til at sionka (~1420) Sueco antigo
but since him.OBL doubted took he to to sink
'But since he doubted he started sinking'

Barðdal (2009) argumenta que, em ambas as línguas, apenas a construção de frequência de tipo mais alta, a de sujeito nominativo, se manteve intacta, enquanto as demais construções, de frequência de tipo baixa, desapareceram. Como todos os tipos de construção em maior ou menor frequência de tipo existem no alemão, a manutenção da morfologia de caso se justifica.

Acima, pudemos retomar algumas das ideias fonéticas e morfossintáticas atestadas em algumas línguas. Especificamente para os nossos propósitos sobre o alemão, surge a questão sobre quais fatores atuam na língua de modo a manter as distinções do sistema de casos consideravelmente estáveis, apesar da significativa diminuição das distinções morfológicas no substantivo, como pode ser observado desde há muito na história da língua.

Dentre a maioria das línguas germânicas, o alemão moderno é uma das que mantiveram a maior parte de seu sistema flexivo. Verbos possuem flexão de tempo, modo e número. Adjetivos, artigos definido e de negação, pronomes indefinidos, pessoais e reflexivos e números ordinais e o primeiro cardinal são flexionados para caso, número e gênero, bem como os demonstrativos, e o artigo indefinido para gênero e caso, enquanto o segundo e terceiro cardinais são flexionados no genitivo na ausência de artigo. Os substantivos pertencem a três gêneros distintos, são declinados no singular e no plural e podem ter alternâncias no radical.

Comparando-se as línguas do velho germânico, poderíamos pensar em uma combinação das teorias acima expostas: a frequência de tipo de construções tenha preservado o caso morfológico, mas que a erosão fonológica e o surgimento e extensão do emprego do artigo tenham

GMHP Grupo de Morfologia Histórica do Português

desempenhado papel importante no enfraquecimento bem como apagamento de vogais. Assim, seria possível seguir o raciocínio de Wolf (2000) e admitir que

“A gramaticalização do artigo não é somente uma consequência do enfraquecimento da sílaba final, mas vale ao mesmo tempo o contrário, em que o surgimento do artigo também possibilitou o enfraquecimento das sílabas átonas. Ou seja, a morfologia de flexão e a sintaxe estão em relação dialética uma para a outra”,

porém deixamos esta questão em aberto.

Fatores externos à língua: princípio do “Fala como escreves”

Há casos atestados na língua alemã de influência da escrita sobre a fala. A prática de distinguir na ortografia palavras homófonas, como a distinção entre “e” e “ä” fez surgir na língua falada uma diferenciação de palavras entre um som aberto e outro fechado, com algumas exceções regionais, como em Berlim e no Nordeste alemão, onde a pronúncia se manteve fechada para ambos. Assim, temos *Ehre* (honra) e *Ähre* (espiga), *Reeder* (armador) e *Räder* (rodas), *Gewehr* (arma) e *Gewähr* (garantia), conforme Polenz (1970). No caso do apagamento do dativo em *-e*, por exemplo, observamos clara preocupação com seu apagamento. Antes de vir a ser considerado como de uso facultativo, o dativo em *-e* era visto como norma prescritiva rígida na linguagem literária desde Johann Christoph Adelung, germanista alemão, que no século XVIII sugeria que:

“O *-e* nesta declinação é som característico de flexão de caso, razão pela qual também nunca deveria ser enviesado no genitivo e dativo em palavras propriamente alemãs, como ocorre frequentemente na sociedade” (Adelung 1781:139)⁵

Como se pode observar, à época desse ímpeto por normatização e estabilização da terminação, havia preocupação quanto ao emprego variável do dativo em *-e*.

Em verdade, semelhante fato já ocorria outrora, haja vista que, à época de Martinho Lutero e da Reforma, quando do estabelecimento do que ficou conhecido como *-e* luterano, como em *Seele* (alma) em vez de *Seel* e *im geiste* (no espírito) o morfema de caso dativo tanto era conscientemente empregado como também evitado por autores católicos, evidenciando motivações ideológicas e religiosas - em desavenças entre católicos e protestantes (Polenz, 1970: 143).

⁵ Tradução livre. Acessado em out/2011 sob o endereço <http://books.google.com/books?id=nl8TAAAAQAAJ&printsec=frontcover&dq=Deutsche+Sprachlehre+adelung&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>

GMHP Grupo de Morfologia Histórica do Português

A fixação da regra só houve depois de Lutero, com o poeta Martin Opitz, no século XVII. De fato o *-e* para marcação do plural se mantém até hoje, porém não para a distinção de caso dativo singular, aumentando ainda mais a distinção de número ao invés de caso.

Delimitando o objeto: O desenvolvimento do alemão padrão moderno, suas tendências e a questão do dativo em *-e*:

O sistema de casos no alemão padrão moderno possui quatro formas: nominativo, acusativo, dativo e genitivo. O paradigma se mantém desta forma desde o médio-alto-alemão (doravante m.a.a.), uma vez que no velho-alto-alemão (doravante v.a.a.) havia formas particulares para um caso locativo e um instrumental. Nos manuais de estágios anteriores da língua alemã, até o m.a.a, os substantivos são classificados de acordo com gênero, bem como com a classe de declinação, i.e., de acordo com a flexão nominal no primitivo germânico, em que a classificação é feita de acordo com o som final da raiz. Como o detalhamento de paradigmas flexionais anteriores fogem ao nosso propósito, consideremos apenas os que nos servirão por ora, i.e., os da declinação forte ou vocálica que abrangem substantivos masculinos e neutros⁶. Tabelas 4 e 5, com dados de Hennings (2012), mostram os paradigmas completos dos substantivos *tac* ('*Tag*' <dia>), *hirte* ('*Hirte*' <pastor>), †*künne* (<gênero>), *sê* ('*See*' <mar>), *knie* ('*Knie*' <joelho>) e *gast* ('*Gast*' <hóspede>), do m.a.a.:

Tabela 4. Declinação *a-* e seus dois subgrupos, *ja-* e *wa-* (masculinos e neutros):

| | a-Deklination | | ja-Deklination | | wa-Deklination | |
|----------|---------------|--------|----------------|--------|----------------|-----------|
| Sg Nom. | tac | wort | hirte | künne | sê | knie |
| Gen. | tages | wortes | hirtes | künnes | sêwes | knie(we)s |
| Dat. | tage | worte | hirte | künne | sêwe | knie(we) |
| Acus. | tac | wort | hirte | künne | sê | knie |
| Pl. Nom. | tage | wort | hirte | künne | sêwe | knie |
| Gen. | tage | worte | hirte | künne | sêwe | knie(we) |
| Dat. | tagen | worten | hirten | künnen | sêwen | knie(we)n |
| Acus. | tage | wort | hirte | künne | sêwe | knie |

⁶ Até o m.a.a. é adotada tal classificação para os substantivos de acordo com a classe de declinação, porém, conforme o enfraquecimento das vogais átonas paulatinamente ocorre e a redução dos contrastes avança, as distinções se tornam opacas. A motivação da classificação é sincronicamente bastante arbitrária e sua motivação é reconhecível apenas diacronicamente, conforme se retroage no tempo.

Tabela 5. Declinação *i-* (femininos e masculinos):

| | | masculino | feminino | feminino |
|-----|-------|-----------|-------------------|--------------|
| Sg | Nom. | gast | kraft | vrist |
| | Gen. | gastes | krefte/kraft | vriste/vrist |
| | Dat. | gaste | krefte/kraft | vriste/vrist |
| | Acus. | gast | kraft | vrist |
| Pl. | Nom. | geste | /a/ > /e/ krefte | vriste |
| | Gen. | geste | /a/ > /e/ krefte | vriste |
| | Dat. | gesten | /a/ > /e/ kreften | vristen |
| | Acus. | geste | /a/ > /e/ krefte | vriste |

Nas tabelas 4 e 5, pode-se notar que, como mencionado acima, os substantivos são classificados no m.a.a. conforme critérios mais transparentes em estágios anteriores da língua, como germânico. Compare-se esta classificação com a adotada atualmente, em que as flexões já não são reconhecíveis estritamente por critérios do germânico:

Tabela 5: paradigma flexional dos substantivos do alemão padrão moderno

GMHP Grupo de Morfologia Histórica do Português

| | | Tipo S1 do sing. | Tipo S2 do sing. | Tipo S3 do sing. | |
|-----|-------|---------------------|------------------|------------------|---------|
| Sg | Nom. | Mann-Ø | Feld-Ø | Mensch-Ø | Hand-Ø |
| | Gen. | Mann-es | Feld-es | Mensch-en | Hand-Ø |
| | Dat. | Mann-e ⁷ | Feld-Ø | Mensch-en | Hand-Ø |
| | Acus. | Mann-Ø | Feld-Ø | Mensch-en | Hand-Ø |
| Pl. | Nom. | Männer-Ø | Felder-Ø | Mensch-en | Hände-Ø |
| | Gen. | Männer-Ø | Felder-Ø | Mensch-en | Hände-Ø |
| | Dat. | Männer-n | Felder-n | Mensch-en | Hände-n |
| | Acus. | Männer-Ø | Felder-Ø | Mensch-en | HändeØ |

Como se pode observar na tabela 5, os substantivos possuem diversas formas sincréticas. Note-se que quanto à morfologia flexional, somente os substantivos do genitivo singular tanto masculino quanto neutro e o dativo plural ocorrem, além da declinação fraca com *-en* no caso oblíquo (não nominativo).

Algumas observações⁸:

- Ø está para os casos em que não há um morfema específico de caso. Para as formas do plural sem -Ø, teríamos que assumir que o morfema de plural também está especificado para caso morfológico,
- A maioria dos substantivos masculinos e todos os neutros (exceto *Herz* <coração>) seguem o tipo 1, que terminam no genitivo em *-es* / *-s* e, no mais, não têm terminação (declinação forte).
- Uma quantidade de masculinos, sobretudo masculinos que denominam seres animados, são do tipo 2, que no caso oblíquo terminam em *-en/-n* (declinação fraca). Alguns masculinos e o neutro *Herz* têm adicionalmente ao *-n* do tipo S2 no genitivo ainda o *-s* do tipo 1 (declinação mista).
- Todos femininos seguem o tipo 3, que não possui terminação.

⁷ O *-e* do dativo em substantivos do tipo S1 é empregado aqui por ser nosso foco, porém, dos morfemas empregados, é o único considerado arcaizante do estágio atual da língua.

⁸ Classificação de tipos segundo Helbig e Buscha. Os negritos, separação de sufixo e radical e adição de sinal de morfema zero Ø são meus.

Mais especificamente, a tabela 3 mostra exemplos apenas de substantivos do tipo S1 (masculinos e neutros fortes) no caso dativo:

Tabela 6: declinação dos substantivos fortes

| Defi./indefinido | Masculinos | | Neutros | |
|------------------|------------|--------|---------|--------|
| Dat. Sing. S1 | Weg-e | Fall-e | Lied-e | Feld-e |

A didática de Pfeffer e Janda para o alemão moderno: Formação de dativo sem *-e* a não ser em expressões idiomáticas.

Considerando uma extensa base de dados das línguas falada e escrita, Pfeffer e Janda (1979) complementam uma lista de restrições ao emprego do dativo em *-e* prevista nas gramáticas tradicionais. Embora esta lista inclua diversas restrições ao emprego do dativo em *-e*, como regras fonotáticas que restringem a realização do morfema, muitas outras regras são baseadas na extrema baixa frequência de ocorrências, na inexistência ou na alta frequência de uma quantidade limitada de tokens do corpus da língua alemã contemporânea pesquisado. Entretanto, para o alemão escrito dos séculos XIX e XX, nos quais se constatou o recuo do dativo de forma mais acentuada, tais regras não passariam de meras convenções prescritivas, haja vista que, em maior ou menor número, é possível achar diversos contra-exemplos às regras restritivas ao emprego do dativo em *-e*, como observável nas ocorrências (4)-(9), correspondentes às restrições 1-6, respectivamente:

1- A terminação de dativo em *-e* geralmente não é empregado junto de artigos que precedam:

substantivos que terminem em sílabas átonas, ou seja, em *-el, -em, -en, -er, -chen, -lein, -(l)ing*, bem como *-ich, -ig, -nis, -sal, -sam, -(t)um* e junto de composições nominais com tais substantivos;

Casos esperados sem *-e*:

Apfel, Himmel, Löffel, Mädél, Mantel, Mittel, Onkel, Sessel, Vogel, Atem, Besen, Boden, Essen, Garten, Hafén, Kuchen, Laden, Leben, Morgen, Norden, Osten, Wagen, Westen, Arbeiter, Bäcker, Bruder, Dezember, Fahrer, Fenster, Feuer, Finger, Keller, Koffer, Körper, Lehrer, Maler, Maurer, Meister, Messer, Meter, Metzger, Noverber, Oktober, Schlosser, Shreiner, Schüler, Teller, Theater, Vater, Verkäufer, Vetter, Wasser, Wetter, Winter, Zimmer, Zucker, Mädchen, Fräulein, Lehrling, Rettich, König, Ereignis, Verhältnis, Verständnis, Schicksal, Studium, Fernsehen, Mittagessen, Bürgermeister, Großvater, Kilometer

2- Junto de substantivos terminados em vogal simples, dupla, ditongo ou vogal + *-h* (em sílaba tônica ou átona):

GMHP Grupo de Morfologia Histórica do Português

Casos esperados sem -e:

Auge, Ende, Kaffee, Schnee, See, Tee, Juli, Juni, Bau, Ei, Mai, Schuh.

3- Junto de indicador de medida no dativo.

Esperado sem -e:

'Mit einem Faß Bier', 'von ihrem bisschen Fleisch', 'bei einem Glas Bier'

4- Junto de palavras estrangeiras, ou seja, junto de empréstimos de outras línguas, que ainda dão impressão de estrangeiras mesmo após o princípio gramatical formal da adequação gráfica, fonética ou flexiva.

Esperados sem -e:

Artikel, Atom, August, Autor, Doktor, Element, Evangelium, Experiment, Faktor, General, Hotel, Impulse, Individuum, Institut, Instrument, Jantuar, Kapitel, Konflikt, Kosmos, Material, Metall, Modell, Motor, Objekt, Organ, Organismus, Papier, Prinzip, Produkt, Prozent, Prozeß, Publikum, Rhythmus, Sozialismus, Studium, Symbol, System, Testament, Transport, Typ

5- junto de nomes próprios de pessoas, países, rios, cidades, etc.

6- junto de substantivos preposicionados sem artigo, inclusive formas abreviadas de pontos cardeais, isolados e em expressões fixas, ou seja, designações adverbiais de matéria, espécie, tempo, local, entre outros, bem como descrição do solo e junto de grupos de palavras de dois membros ligadas por meio de *und* (e) e outras fórmulas

Casos esperados sem -e:

An Holz, aus Brauch, aus Fleisch, aus Holz, aus Spaße, aus Stein, auf Besuch, auf Sonntag, mit Bier, mit Brot, mit Draht, mit Geld, mit Holz, mit Recht, mit Sand, mit Sitz, mit Zucker, seit Montag, unter Druck, von Beruf, von Geld, von Osten, von Rang, zu Anfang, zu Besuch, zu Bett, zu Fuß, zu Mittag, zu Tal, zu Tisch

(4) *'gießen und befahl seinem Lehrlinge', 'zum Könige'*

(5) *'beim Baue des Schlosses', 'in dem Schuhe tragen'*

(6) *'mit einem Glase Bier'*

GMHP Grupo de Morfologia Histórica do Português

(7) *'von dem Elemente', In ihrem Testamente, 'nach dem Prinzipie'*

(8) *'Da er so abends am Rheine hinabritt'*

(9) *'aus Fleische gebildet', 'wie vom Hofe aus Steine', 'mit seinem Gelde', 'zu Besuche führen', 'Tagelang von Hause zu Hause mit euch'*

Como pode ser observado, há diversos fatores que presumivelmente restringem ou inibem a realização do dativo em *-e*, que provavelmente devem desempenhar algum papel no controle do emprego da realização morfológica durante o processo de desenvolvimento da língua. A apócope do dativo em *-e* é, do ponto de vista sincrônico do alemão padrão moderno, a última das perdas morfológicas, embora outras formas do nosso paradigma do alemão padrão moderno da tabela 5 já sejam atestadas em exemplos de escrita fortemente normatizada (Glück e Sauer, 1997: 54).

O prosseguimento desta pesquisa deverá buscar fatores que regulam o (não) emprego do dativo em *-e* no n.a.a. até o período em que as ocorrências se tornavam cada vez mais escassas, nos fins do século XX. Como ponto de partida, devemos considerar aspectos fonológicos e morfossintáticos em jogo. Raffelsiefen (2003), por exemplo, verificou que havia restrições à apócope do schwa no m.a.a. com base em ranking de restrições, como estrutura da coda e efeitos de ensurdecimento final e efeitos de estabilidade. Também podemos fazer uma análise em termos de mudança analógica. Observe-se o exemplo (10) adaptado de Hock (2003), segundo o qual a apócope do dativo em *-e* torna opaca a regra de ensurdecimento final do alemão, que é restaurada por reordenação, tornando a ser transparente:

(10)

| | | | |
|--------------------|----------------|-------|--------------|
| a) Vaa. | nom.sg. | tag | dat.sg. tage |
| | ensurdecimento | tak | --- |
| pré-naa | | tak | tāgə |
| | perda do ə | --- | tāg |
| b) esperado no naa | | tāk | tāg |
| c) naa sincrônico | | /tāg/ | /tāgə/ |
| | perda do ə | --- | tāg |
| | ensurdecimento | tāk | tāk |

GMHP Grupo de Morfologia Histórica do Português

Os casos de sincretismo no alemão também são interessantes e sugestivos. De acordo com certas regras de formação de plural, muitas vezes temos substantivos com formas idênticas no dativo singular em *-e* e no plural. Haveria uma motivação icônica manifesta?

Referências

BARÐDAL, Jóhanna. "The Development of Case in Germanic". *The Role of Semantic, Pragmatic and Discourse Factors in the Development of Case*, 123-159. Amsterdam: John Benjamins, 2009, p. 123-159.

_____. "Introduction to morphological Case in Icelandic". *Case in Icelandic – a synchronic, diachronic and comparative approach*, Lund: Lund University, 2001, p. 8-14.

BLAKE, Barry J. "Loss of case marking". *Case*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 175-180.

BOUCHER, Paul. "Determiner Phrases in Old and Modern French". In *The Syntax and Semantics of Noun Phrases*. By Martine Coene and Yves D' Hulst. Vol. 1. Amsterdam: John Benjamins, 2003. p. 47-70.

FOX, Anthony. "Introduction". *The structure of German*. 2nd ed, Oxford: Oxford University Press, 2005, p. 15-18.

GLÜCK, Helmut, e Wolfgang Werner. Sauer. *Gegenwartsdeutsch*. Stuttgart: J.B. Metzler, 1997.

HAIDER, Hubert. *The syntax of German*. Cambridge, UK New York: Cambridge University Press, 2010

HENNINGS, Thordis. *Einführung in das Mittelhochdeutsche*. Berlin u.a: de Gruyter, 2012.

HELBIG, Gerhard, Buscha, Joachim. *Deutsche Grammatik: Ein Handbuch für den Ausländerunterricht*. Berlin und München. Langenscheidt Verlag, 2001.

HOCK, Hans Henrich. "Analogical Change". In Brian D. Joseph e Richard Janda. *The Handbook of Historical Linguistics*. Blackwell Publishing, 2003, p. 441-460.

GMHP Grupo de Morfologia Histórica do Português

HOPPER, Paul J., Traugott, Elizabeth Closs. “Mechanisms: reanalysis and analogy”. In *Grammaticalization. Second edition. Cambridge*, 2008, p. 39-69.

MCMAHON, April M.S. *Understanding language change*. Cambridge New York, NY, USA: Cambridge University Press, 1994.

MEISEN, Karl. *Altdeutsche Grammatik II. Formenlehre*. 2. Auflage. Stuttgart : J. B. Metzler, 1961.

PFEFFER, J. Allan, Janda, Richard D. “Die Bildung des Dativs mit oder ohne -e“. In: *Zielsprache Deutsch 2*. Munique : Max Hueber Verlag, 1979, p. 34-39.

PHILIPPI, J. “The rise of the article in the Germanic languages”. In *Parameters of morphosyntactic change*. Cambridge. Cambridge University Press, 1997, p. 62-93.

POLENZ, Peter von. *História da língua alemã*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. . “A morfologia de flexão no Português do Brasil: Ensaio sobre um discurso de perda” . Estudos da Língua(gem) (Impresso), v. 8, p. 55-82, 2010.

RAFFELSIEFEN, Renate. “Constraints on schwa apocope in Middle High German”. In Lahiri, Aditi. *Analogy, Levelling, Markedness: Principles of Change in Phonology and Morphology*. Berlin: Mouton De Gruyter, 2003, p. 125-170.

ROELCKE, Thorsten. "Die Periodisierung der deutschen Sprachgeschichte". In Besch, Werner. *Sprachgeschichte: Ein Handbuch Zur Geschichte Der Deutschen Sprache Und Ihrer Erforschung*. 2nd ed. Vol. 1. Berlin: W. De Gruyter, 1998, p. 798-815.

_____. “Typologische Unterschiede in den Varietäten des Deutschen“. In Besch, Werner. *Sprachgeschichte: Ein Handbuch Zur Geschichte Der Deutschen Sprache Und Ihrer Erforschung*. 2nd ed. Vol. 1. Berlin: W. De Gruyter, 1998, P. 1000-1013.

VENNEMANN, Theo. “An explanation of drift”. In: Charles N. Li, ed., *Word Order and Word Order Change*, Austin (University of Texas Press), 1975, 269-305.

WOLF, Norbert Richard. "Syntax Des Mittelhochdeutschen." *Sprachgeschichte: Ein Handbuch Zur Geschichte Der Deutschen Sprache Und Ihrer Erforschung*. By Werner Besch and Anne Betten. 2nd ed. Vol. 2. Berlin: W. De Gruyter, 2000. 1351-358

YEGHIAZARYAN, Lusine. Caso, Definitude e os sintagmas nominais no armênio. Tese de Doutorado. FFLCH/USP, 2010.

Outras Mídias

Digitale Bibliothek 125: Deutsche Literatur von Luther bis Tucholsky. Großbibliothek (DVD-Rom).

KLUGE, Friedrich, e Elmar Seebold. *Etymologisches Wörterbuch Der Deutschen Sprache*. 24th ed. Berlin: Walter De Gruyter GmbH &, 2002. CD.